



MEMÓRIA E IDENTIDADE: TRAÇOS DA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES NO BAIRRO ATALAIA – ARACAJU/SE

Isabella Cristina Chagas Corrêa

Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente - PRODEMA/UFS, Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura/NPGEO-UFS, bolsista CAPES.

bellisca@hotmail.com

Maria Augusta Mundim Vargas

Doutora em Geografia, Professora Colaboradora-PRODEMA/UFS, Grupo de pesquisa Sociedade e Cultura/NPGEO-UFS

amundim@infonet.com.br

Introdução

A afirmação de identidades histórico-culturais faz-se primordial na contemporaneidade do mundo globalizado em que se observa a perda de referenciais, os vazios ideológicos, manifestações de intolerância, colapsos sociais e ambientais que em vários níveis afetam as relações sociais e, por conseguinte, a qualidade de vida. A salvaguarda dos bens culturais já é considerada como um dos pilares do desenvolvimento humano, sendo, pois, indicadora de sustentabilidade (BRASIL,2006).

Neste sentido, o presente artigo trata de uma reflexão acerca da Festa de Bom Jesus os Navegantes, tradicionalmente ocorrente no bairro Atalaia Velha que até meados de 1960, constituía-se uma comunidade de pescadores isolada do centro urbano de Aracaju, capital de Sergipe. A realização da festa e a sua concretização, até então, estavam claramente imbricadas como exemplo da relação simbólica dos seus moradores com a maré do Apicum, braço integrante do estuário do rio Poxim e razão do modo de vida da comunidade preponderantemente formada de pescadores. Com o objetivo de compreender a importância deste vínculo secular na constituição do patrimônio daquela localidade, observou-se o processo de descaracterização do evento que se deu a partir da



condição degradante em que se encontra o ecossistema estuarino que, outrora, construiu identidades nas relações sociais e econômicas ali estabelecidas.

Estudar uma festa implica entender as relações que a mesma tem com a percepção e valorização do mundo atribuído pelo homem. A Festa de Bom Jesus dos Navegantes carrega em si mesma toda uma demonstração ritualística dos sentimentos, atitudes e práticas quanto ao manejo dos recursos naturais, no nosso caso, com a maré do Apicum. O seu processo de descaracterização manifesta, de igual modo, uma mudança naquela ordem ali estabelecida, e, portanto, uma mudança também de valores que podem ou não estarem sendo resignificados.

Foram identificadas algumas formas de degradação da maré e impactos sócio-ambientais desde a década de 1970, quando o bairro Atalaia Velha é atingido pelo processo de expansão urbana da cidade de Aracaju. Mediante a especulação imobiliária, a comunidade local enfrentou mudanças como a descaracterização territorial e espacial que, sem planejamento e rede de esgotos, trouxe como consequência, dentre outras, a poluição e o assoreamento da maré que “banhava” parte do bairro.

Atualmente, a precariedade das condições da pesca comercial e de sobrevivência dos pescadores nos permite afirmar a quebra do último elo afetivo existente entre a comunidade e a maré do Apicum dado a impossibilidade de navegação para o cortejo fluvial da procissão de Bom Jesus dos Navegantes.

Empreendeu-se pesquisa de abordagem qualitativa com levantamento bibliográfico pautado na transversalidade da cultura na relação homem-natureza, nas festas enquanto expressão do patrimônio, identidade e memória e na ocupação urbana e degradação ambiental em áreas litorâneas. Os instrumentais utilizados foram o registro e levantamento de acervo fotográfico sobre a festa de Bom Jesus dos Navegantes e a maré do Apicum e o uso de entrevistas não diretivas com atores selecionados como pescadores, moradores antigos e paroquianos conforme sugerido por RICHARDSON(1989).



A aplicação e a análise destas entrevistas possibilitaram o conhecimento da História e da relação homem-natureza no Bairro Atalaia Velha, um breve resgate da Festa de Bom Jesus dos Navegantes e das relações de pertencimento ali desenvolvidas. Ademais, diagnosticou-se a necessidade de um novo olhar sobre a maré do Apicum relegada atualmente a uma condição marginal enquanto “manguezal fétido” e “depósito de lixo” e, além disso, a necessidade do reconhecimento e valorização da história e identidade de comunidades litorâneas.

Patrimônio natural e cultural: uma relação intrínseca na ótica da sustentabilidade

O Patrimônio Cultural é uma tendência que se projeta ao tema da memória, bastante em voga atualmente. A afirmação de identidades histórico-culturais faz-se primordial na “era da globalização” sendo o fortalecimento e a salvaguarda dos bens culturais considerados pilares do desenvolvimento humano e indicadores de sustentabilidade:

“ É imperioso que cada sociedade se estruture em termos de sustentabilidade própria, segundo suas tradições culturais, seus parâmetros próprios e sua composição étnica específica(...) ela deve definir seus padrões de produção e consumo como o de bem-estar a partir de sua cultura, de seu desenvolvimento histórico e de seu ambiente natural” (DIGUES,2001,p.52)

Ao patrimônio histórico brasileiro estava restrito ao sentido material dos bens culturais, relacionado, pois a tudo que fosse edificado. Segundo ORÍÁ (2002, p.131), essa acepção fora adotada como parte de uma política imposta pelo Estado Novo de forjar uma identidade única para o país, excluindo as diferenças e a pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica: “preservaram-se igrejas barrocas, fortes militares, casas-grandes e sobrados coloniais, esqueceram-se das senzalas, dos quilombos, das vilas operárias e dos cortiços”.

O novo conceito de Patrimônio Cultural veio desmistificar essa prática anterior porque perpassa pelo conjunto de bens materiais e espirituais, valores, crenças, hábitos e costumes e todo o conhecimento legado, transmitido de geração a geração que possibilite a invocação do passado, ou seja, a memória imprescindível pela afirmação de



identidades étnico-culturalmente distintas. A memória é, dessa forma, um símbolo, o elo afetivo com o passado proporcionando o reconhecimento de experiências e práticas individuais e ou coletivas através dos tempos.

“É a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeitos da história.” (ORÍ,2002.p.139)

Ao Patrimônio Cultural está agregado, pois, o sentido do coletivo. Desta feita, os bens culturais não são apenas edifícios e monumentos, mas manifestações de toda ordem, inclusive espiritual. Conforme a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, documento publicado pela UNESCO em sua 32ª sessão realizada em Paris em 2003, o patrimônio imaterial é importante fonte de diversidade cultural e garantia do desenvolvimento sustentável e assim o define:

“[...] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre



comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável”.
(BRASIL, 2006).

Conforme essa definição, a Convenção determina que o patrimônio cultural imaterial manifesta-se, em particular, nas tradições e expressões orais, expressões artísticas, práticas sociais, rituais e atos festivos, conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e técnicas artesanais tradicionais. Assim, integra o patrimônio cultural o conjunto de bens materiais e imateriais que sejam referência à memória, à ação e à identidade de elementos étnicos formadores de uma dada cultura.

A abordagem sobre patrimônio cultural, identidade e memória torna emergente, na sociedade contemporânea, a reflexão acerca da transversalidade da cultura na relação homem-natureza.

As formas de mediação do homem com seu entorno constituem valor simbólico e perpassam pelas relações de pertencimento construídas no espaço. Assim, para LEFF(2001), o habitat natural é o lugar em que se simboliza a natureza:

“[...] a cultura simboliza seu ambiente em mitos e rituais, reconhece seus recursos naturais, imprime significados às suas práticas de uso e transformação. Assim, o habitat se define ao ser habitado; O habitat é pois o território habitado, engendrado pela coabitação das populações humanas com seu meio, por suas formas de fazer o amor com a natureza.” (LEFF,2001,p.283)

Percebemos com isso que é no ato de habitar em que as relações homem/meio natural se constroem. A cultura se constitui no ato de habitar um lugar ao qual o sujeito se sente intimamente pertencente. Essa questão do amor a natureza (lugar) foi denominada por TUAN (1980) de topofilia:

“um neologismo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao



sentir o ar, a água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida”. (TUAN,1980, p.107).

Neste sentido, BONNEMAISON (2002, p. 111) ao estudar o campo da cultura enquanto representação simbólica de fortalecimento de identidade no espaço assim o define: “o espaço cultural é um espaço geossimbólico, carregado de afetividade e significações: em sua expressão mais forte, torna-se território santuário, isto é, uma espécie de comunhão com um conjunto de signos e valores”.

Vemos dessa forma que a maneira como cada sociedade explora os seus recursos e interage com o ambiente em que vive está relacionada diretamente com a visão de mundo sobre o mesmo, percebe-se uma relação intersubjetiva, a cultura é a percepção empírica do mundo significada em manifestações de ordem material e espiritual constituintes do patrimônio de dada localidade.

A festa enquanto identidade e memória

A Festa é uma celebração, uma expressão ritualística de uma mentalidade, de uma cultura. É ainda uma manifestação de identidade coletiva como propõe DEL PRIORE(1994):

“ A festa é um meio de organização social e uma forma de concretização da necessidade de convívio grupal para troca de sentimentos e ou experiências. É, portanto, o momento de dinâmica sócio-cultural em que uma coletividade reafirma, de modo lúdico, as relações culturais e a cultura que lhes são próprias” (PRIORE,1994,p.10).

Segundo BRANDÃO (1978), as festas são uma expressão de memória e identidade de uma comunidade e, isso se faz possível ao modo como o povo se organiza para homenagear seus padroeiros a partir da utilização de símbolos e rituais. Enquanto lembrança do passado, e, tendo como propósito a conservação de tradições, a festa é uma memória. Trata de repetição de certos valores e comportamentos remanescentes.



“ A festa quer lembrar. Ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem - fora dela. Séria e necessária, a festa quer brincar com os sentidos, o sentido e os sentimentos. E não existe nada de mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto.” (BRANDÃO,1989,p.17).

Sobre festas de santos padroeiros católicos podemos destacar o estudo de ALVES (1980) sobre a festa de Nossa Senhora realizada em Belém do Pará. Este, identifica a procissão como elemento obrigatório a todo o ritual de culto a um santo padroeiro. Para o autor “ a força simbólica do santo que é festejado está, precisamente, no fato de que ele surge como um aglutinador de forças ou situações que em tempos normais seriam conflitantes” (ALVES,1980.p. 46-47) Assim, o percurso de uma procissão torna-se um espaço que permite a aproximação com a dimensão sagrada bem como consagra relações de grupos sócio-economicamente distintos.

Ao desvelar o papel da festa no processo de (re) afirmação de identidades locais, BEZERRA (2007) apresenta diferentes interpretações sobre o tema. Em sua reflexão, a autora coloca a festa enquanto quebra de cotidiano, unidade e identidade de um grupo e, que, sendo produto de uma realidade social expressa conflitos e tensões ao mesmo tempo em que atua sobre eles. Assim, a festa é o espaço de múltiplas territorialidades em que “ a hegemonia das representações é construída por meio de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos” (BEZERRA,2007.p.176).

Portanto, verifica-se a importância das festas enquanto manifestações de identidade e memória que simbolizam as relações humanas travadas entre si e as percepções do lugar vivido. Sendo um fenômeno social, a festa é, pois, um bem patrimonial de uma dada comunidade haja vista sua celebração coletiva através dos tempos.

Metodologia

A partir do referencial teórico acima descrito, convém-nos apresentar a caracterização da área de estudo bem como os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.



O bairro Atalaia Velha, hoje simplesmente Atalaia, situa-se na região sul da cidade de Aracaju, sendo atualmente um centro de atração turística por apresentar uma das praias urbanas mais freqüentadas em face de infra-estrutura implantada em toda a orla beira-mar. As décadas de 1970 e 1980 representam, respectivamente, o início da incorporação do bairro à zona de expansão urbana da cidade sendo alvo de especulação imobiliária considerada área nobre de ocupação. O bairro passa a ser visto enquanto possibilidade turística face a beleza paisagística e seu potencial em recursos naturais (MACHADO,1989).

Em período anterior, a paisagem natural do lugar até a primeira metade do século XX era de um típico ecossistema litorâneo como dunas, restingas e manguezais:

“[...] até os primeiros anos da década de 30, era uma praia de difícil acesso, habitada apenas por pescadores e sitiantes que após o recuo do mar, foram ocupando os terrenos e construindo as primeiras habitações para sua moradia” (MELLINS,2007.p.267).

Segundo relatos de antigos moradores, a vida cotidiana de outrora naquela comunidade, dedicava-se a atividades de banho no rio Poxim e em “sua” maré do Apicum, a prática de pesca e roçados. Desenvolvida de forma artesanal, a pesca era exercida a partir de instrumentos como canoa, rede de arrasto, tarrafas entre outros e, desta feita, cabanas de palha sob areia, luz de candeeiros e fogão a lenha compunham o cenário do lugar que pertencia àquelas gentes.¹

Nesse contexto, foi erigida a igreja de Bom Jesus dos Navegantes defronte à Colonia dos Pescadores dando início à celebração da Festa de Bom Jesus dos Navegantes, um ato religioso que se tornou tradicional e muito cultuado pelos habitantes residentes nas proximidades. O santo festejado é considerado o padroeiro dos pescadores. Em Sergipe, Bom Jesus dos Navegantes é celebrado em vários municípios. Em Aracaju, a Festa do bairro Atalaia Velha acontece anualmente e tinha

¹ O estudo de OLIVEIRA(1999) descreve brevemente a história e modos de vida do povoado Saquinho, antiga vila de pescadores no Bairro Atalaia. OLIVEIRA,Maria Izabel. *Pais, Filhos e netos de um povoado urbano: o caso do Saquinho*. São Cristóvão: UFS/CECH,1999.



como característica o ritual da procissão fluvial, até o ano de 2006, em parte do rio Poxim denominada localmente por maré do Apicum.

Nesta perspectiva a presente pesquisa caracterizou-se a partir de uma abordagem qualitativa por considerar a dimensão subjetiva das ações humanas e a concepção de que a vida em comunidade é profundamente intersubjetiva: “os seres humanos (ou seja, o comportamento humano) não podem ser entendidos fora do contexto comunitário em que vivem” (MOREIRA,2004,p.48). e, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes do bairro Atalaia Velha apresentou-se como dimensão simbólica de um modo de vida a ser investigada como constituinte do seu patrimônio.

O levantamento e registro de fotografias sobre a Festa de Bom Jesus na maré do Apicum compuseram o processo de coleta de dados acerca da identificação da paisagem da festa no passado e presente. A aplicação de entrevistas não diretivas com atores selecionados, no caso pescadores e moradores antigos do bairro Atalaia, como sugerido por RICHARDSON(1989), permitiram ao entrevistado responder livremente usando sua linguagem própria . A realização das entrevistas deu-se no período de novembro de 2007 a fevereiro de 2008 com auxílio de um gravador permitindo a transcrição integral das mesmas e, compreendeu pessoas com faixa etária dos cinquenta aos noventa anos de idade.

A aplicação e a análise destas entrevistas possibilitaram o conhecimento da história e da relação homem-natureza no Bairro Atalaia Velha. Assim, tendo como objetivo compreender a importância deste vínculo secular na constituição do patrimônio desta localidade, realizou-se um breve resgate da Festa de Bom Jesus dos Navegantes e das relações de pertencimento ali desenvolvidas.

A Festa de Bom Jesus dos Navegantes no bairro Atalaia

A história do bairro Atalaia está diretamente relacionada à Festa de Bom Jesus dos Navegantes, segundo relatos de seus moradores mais antigos. A memória de um ecossistema de dunas e restingas está associada à prática da pesca, banhos, pagamento



de promessas, enfim às atividades humanas relacionadas aos usos da Maré do Apicum, laguna formada pelo fechamento da barra sul do rio Sergipe²:

“ Tudo isso aí era areiado de fora a fora. Areia, mangue, dunas. Passava até navio nesse rio aí. A maré era grande e funda, não tinha mangue do lado de cá. Agora, lá pra coroa do meio quando a maré enchia tinha muita água, não era isso que tem hoje né, que foi aterrado” – Homem- 57 anos. Em 10/12/2007.

Não se sabe, precisamente, quando teria iniciado a procissão em louvor a Bom Jesus dos Navegantes no bairro, porém aventa-se a possibilidade do período posterior a 1894³ quando o povoamento da região condicionou-se à possibilidade do recuo do mar ainda impreciso. Nesse contexto, o simbolismo e imaginário dessa localidade apresentam-se com a promessa feita a Bom Jesus dada a iminência do fechamento da barra:

“ A Procissão começou a partir do meu tio Antônio Alves quando a barra fechou e abriu lá ao norte, a barra dos navios.(...) A barra começou a botar água pra cá, querer abrir e meu tio fez então a promessa, construiu a Igreja e automaticamente fazia a procissão”. Homem, 87 anos. Em 16/12/07.

Estabelecida a ocupação da região, a pequena laguna formada com o fechamento da barra foi “batizada” de maré do Apicum, com suas águas calmas, logo tornar-se-ia parte integrante da vida cotidiana dos que ali habitavam. A partir de então, foi o Apicum fonte de sobrevivência e lazer dos ribeirinhos, pois todos que viviam no seu entorno utilizavam-se da pesca como prática comum:

² WANDERLEY(2006) enfatiza, numa perspectiva histórica, a inconstância e mutabilidade do Rio Sergipe que apresentou uma dinâmica de fases evolutivas, características próprias de embocaduras fluviais oceânicas. A formação natural da Maré do Apicum deu-se com o fechamento da Barra Sul do rio Sergipe onde hoje estão situados atualmente o Bairro Atalaia e Coroa do Meio. WANDERLEY, Lilian de Lins. *Paisagem da Janela: esse nosso inconstante Rio Sergipe e sua foz*. In: ALVES, José do Patrocínio Hora(org). Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade e preservação. Aracaju: ÓS,2006.p.165-169.

³ MACHADO (1989) apresenta em seu estudo documentos como uma carta náutica datada de 1894, encontrada no acervo da marinha enquanto registro do fechamento definitivo da barra sul do rio Sergipe. MACHADO, Ewerton Vieira. *Aracaju: paisagens e fetiches, abordagens acerca do processo de seu crescimento urbano recente*. Dissertação de Mestrado: Santa Catarina, 1989.



“ Todo mundo aqui pescava, não como profissão, mas pescava por causa do braço de rio. Meu tio Augustinho mesmo descia em tempo de verão, tempo de trovoadas, era peixe a vontade. Boto mesmo, eu alcancei. Tinha muito boto.” Homem – 87 anos. Em 16/12/2007.

No calendário festivo sempre foi incumbência da comunidade os enfeites das embarcações para a procissão fluvial da imagem votiva e a escolha do melhor dia para celebração ficava sempre ao encargo dos pescadores que marcavam o evento consoante ao fluxo da maré cheia.

O ápice do período festivo geralmente acontecia nos finais de semana com o encerramento do novenário. O parquinho de diversões montado na Praça Alcebíades Paes compunha o cenário da celebração popular durante os três dias de festa. Aos sábados, ocorriam apresentações de grupos folclóricos como reisados, cheganças, cacumbi e sambas de côco que vinham do Mosqueiro e até mesmo de outras localidades como Santo Amaro e Japarutuba. Apresentavam-se na praça e também nas casas das pessoas. Já a feirinha, trazia comerciantes da cidade de São Cristóvão, especificamente do povoado Pedreira, para a venda das famosas queijadas.

O rito da procissão fluvial iniciava-se sempre domingo à tarde e alcançava seu ápice com o cortejo da imagem votiva que, segundo depoimentos, consagrava-se em barcos e canoas de grande porte. A imagem do santo padroeiro subia apoiado pelos pescadores em barcos situados defronte à antiga igreja, à margem da maré do Apicum e ao som de fogos de artifício, obedecendo um roteiro fluvial até a conhecida margem Boca do Rio e retornava, via terrestre, a partir do antigo farol da Atalaia Velha. Neste percurso fazia-se notável a presença de várias pessoas da comunidade e povoados próximos como Mosqueiro, Robalo e São José.

Muitas eram as embarcações que acompanhavam o cortejo com fitas coloridas. Era comum a prática de banhos e, o pagamento de promessas na própria maré já se fez registrado. Na procissão de retorno via terrestre, segundo depoimento dos moradores, destacava-se o cortejo de cavaleiros vindos dos povoados Robalo e Mosqueiro.



Atualmente, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes apresenta-se desde o ano de 2006, apenas com o cortejo terrestre dada a impossibilidade de navegação. No lugar do rio vê-se aflorar extenso manguezal que vem ocupando, rapidamente, as águas calmas da maré do Apicum.

Ao longo do tempo, o desuso da maré foi percebido claramente pela redução da pesca, dos banhos e, por fim pela não realização da procissão fluvial. Este fator deveu-se não só às condições naturais mas, sobretudo, quando o bairro passa a ser incorporado ao espaço urbano da cidade de Aracaju (décadas de 70 e 80 do século XX) . Segundo MACHADO (1989), houve uma mudança significativa que alterou profundamente as relações de uso da terra, pois esta que antes tinha uma função utilizada nas tarefas diárias da comunidade com passagem livre para pesca no rio e manguezais, converte-se em obras públicas da construção civil.

À paisagem natural típica de ecossistemas litorâneos como dunas, manguezais e restingas dá-se lugar aos aterros e construções das mais modernas casas e rodovias, calçadões e ciclovias. Ademais, o assoreamento da maré do rio Poxim, a maré do apicum e outros mananciais hídricos de Aracaju, o aterro de seus bosques de manguezal e despejo de esgotos sem tratamento são fatores históricos oriundos do processo de edificação e expansão da cidade. (SANTOS & VARGAS,2008)

A maré do Apicum é hoje um extenso manguezal visto de forma negativa uma vez que foi secundarizado como um componente do espaço urbano, pois os canais e mangues de “escoadouros dos esgotos e águas servidas passaram a ser percebidos como áreas sujas e transmissoras de doenças [...] sinônimo de confusão, bagunça, zona de meretrício dentre outros”. (VARGAS,2002,p.04).

Considerações finais

A contribuição deste trabalho dá-se em face de uma reflexão acerca da influência do homem sobre a natureza e como inversamente é influenciado por ela:



“[...] a cultura, aparece como mediador, como elemento relacional entre as sociedades humanas e a natureza, chamado hoje de meio natural. A cultura é o que civiliza e humaniza este meio natural, transformando-o num conjunto de recursos. Nesse sentido, o próprio conceito de recursos (natural ou não) é cultural e histórico, pois depende dos conhecimentos adquiridos sobre o meio pelas sociedades humanas” (LAGES,1999,p.71).

Os usos tradicionais do rio Poxim, no caso a maré do Apicum, como a prática de banho, crenças, pagamento de promessas não mais se reparam no bairro Atalaia e muito precariamente, ocorre a pesca. A maré foi, no passado, palco de manifestações culturais dos ribeirinhos em suas múltiplas atividades cotidianas e simbólicas que construíram uma relação de pertencimento com o Apicum. Parte do elo afetivo da comunidade com a maré foi quebrado por fatores exógenos a partir do processo de degradação que ali se desenvolvera como os aterramentos e esgotamento sanitários provocados pelo processo de urbanização do bairro.

Pensar uma sustentabilidade a partir da relação intrínseca entre natureza e cultura é perceber que “a distribuição do homem no seu espaço físico significa igualmente um “encontrar-se no mundo”, uma paisagem de valores, sentimentos, vivências religiosas e estéticas, borrando o real com o imaginário” (VIERTLER,1999,p.20).

A procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes fora o resquício de uma ligação afetiva enquanto apropriação de um ecossistema. O manguezal ali atualmente estabelecido é visto de forma negativa, responsável pelo desaparecimento da maré, objeto de repulsa e veículo transmissor de doenças, afinal, não recebe o devido esclarecimento de sua importância, por parte da população civil, nem a atenção do poder público. Porém, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes permanece até os dias atuais, e, mesmo sem a procissão fluvial, agora terrestre, representa uma memória dos modos de vida das populações ribeirinhas, dos momentos de ruptura e mudança que se manifestam anualmente com a quebra do cotidiano trazendo à tona símbolos, rituais que congregam os “novos” aos “velhos” da comunidade.



Vale ressaltar que, sendo zona nobre de moradia e atração turística, a Atalaia continua a atrair um contingente populacional externo crescente fazendo-se necessárias ações de reconhecimento e valorização da identidade local.

A valorização patrimonial é algo de que a Atalaia Velha carece, pois apresentou-nos guardada na lembrança de poucos.

Referências Bibliográficas

ALVES, Isidoro Maria da Silva. *O carnaval Devoto: Um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém*. Petrópolis: vozes,1980.

BEZERRA, Amélia Cristina. *Cidade, Festa e Identidade em tempo de espetáculo*. In: ARRAES, Tadeu A.(org). *Itinerários Geográficos*. Niterói:EDUFF,2007.

BONNEMAISON,Joel.*Viagem em torno do território*. In: CORRÊA & ROSENDHAL(org). *Geografia Cultural: um século*. Rio de Janeiro.EDUERJ,2002.pg.83-116.

BRANDÃO,Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro,1978.

_____.*A cultura na rua*. Campinas: Papirus,1989.

BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. *Convenção para salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*. UNESCO (Paris, 2003): Brasília, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/13250por.pdf>. Acesso em 10/10/2008.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. *Ecologia Humana e Planejamento em áreas costeiras*. 2.ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à pesquisa sobre populações humanas em áreas úmidas brasileiras,USP,2001.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 12.ed.São Paulo: Contexto,2005 (Temas Atuais).



LAGES, Vinícius Nobre. *Agrobiodiversidade: entre natureza e cultura*. In: FILHO, Jenner Barreto, AMORIM, Nadia Fernanda Maia & LAGES, Vinicius Nobre. *Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade em questão*. Maceió: PRODEMA/UFAL: 1999, p.71

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MACHADO, Ewerton Vieira. *Aracaju: paisagens e fetiches, abordagens acerca do processo de seu crescimento urbano recente*. Dissertação de Mestrado: Santa Catarina, 1989.

MELLINS, Murillo. *Aracaju romântica que vi e vivi*. Aracaju: UNIT. 2007. 380p.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2004.

OLIVEIRA, Izabel Cristina Ferreira. *Pais, Filhos e Netos de um povoado Urbano: o caso do "Saquinho"*. São Cristóvão: UFS/CECH, 1999.

ORIÁ, Ricardo. *Memória e Ensino de História*. In BITTENCOURT, Circe(org). *O saber histórico na sala de aula*. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Repensando o ensino).

PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS & VARGAS. *Usos da cidade e problemas socioambientais em Aracaju: algumas considerações históricas*. In: MELO E SOUZA & SOARES(org). *Sustentabilidade, cidadania e estratégias ambientais: a experiência sergipana*. São Cristóvão: Editorra UFS, 2008.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia – Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro, 1980: Ed. Difel (Trad. Livia de Oliveira).

VARGAS, Maria Augusta. *A paisagem urbana e o meio ambiente de Aracaju*. Revista Geoufs: Aracaju, v.1, n.1. jul/dez 2002. p.9-17.

VIERTLER, Renate Brigitte. *A idéia de sustentabilidade cultural: algumas considerações críticas a partir da antropologia*. In: FILHO, Jenner Barreto, AMORIM,



Nadia Fernanda Maia & LAGES, Vinicius Nobre. *Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade em questão*. Maceió: PRODEMA/UFAL: 1999, p.20

FILHO, Jenner Barreto, AMORIM, Nadia Fernanda Maia & LAGES, Vinicius Nobre. *Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade em questão*. Maceió: PRODEMA/UFAL, 1999.

WANDERLEY, Lilian de Lins. *Paisagem da Janela: esse nosso inconstante Rio Sergipe e sua foz*. In: ALVES, José do Patrocínio Hora (org). *Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade e preservação*. Aracaju: ÓS, 2006. p.165-194.